

# O OCASO E O RENASCER DA GEOPOLÍTICA – A FORÇA DE UMA “PALAVRA”?

*“A certeza absoluta é um privilégio de mentes não educadas e dos fanáticos”*

*C. J. Keyser*

REGINALDO GOMES GARCIA DOS REIS\*  
Contra-Almirante (Ref<sup>o</sup>)

---

## SUMÁRIO

Introdução

O fato geopolítico e a história da Geopolítica

As escolas geopolíticas e o ocaso

O renascer e um epílogo em suspenso

Conclusão

## INTRODUÇÃO

O avanço da tecnologia em vários campos de aplicação parece estar encolhendo as distâncias geográficas. Além disso, as pessoas movem-se ao redor do planeta não só pelos meios de transportes, mas principalmente nas “plataformas” dos meios virtuais. Tal situação parece indicar uma diminuição na característica marcante do que se conhece como identidade e

nacionalidade. Chega-se até a identificar algumas pessoas como cidadãos do mundo. Isso desafia todos: políticos, acadêmicos, analistas, jornalistas, militares e outros que se interessam pelo tema. Buscam identificar explicações, por vezes sintetizadas no termo globalização/mundialização de uma forma simplista.

Hannah Arendt, em seu livro *As origens do totalitarismo* (1951), procurou demonstrar os perigos da ênfase nas características

---

\* Chefe do Departamento de Ensino da EGN, exerceu comandos nos diversos postos da carreira. Serviu no Comando em Chefe da Esquadra (Operações) e no CAAML (chefe do Departamento de Instrução). Foi vice-diretor da EGN e instrutor de Planejamento Militar e Jogos de Guerra. Autor de trabalhos para revistas especializadas e capítulos em livros sobre estratégia; defesa e segurança; e relações internacionais. Recebeu o Prêmio *Revista Marítima Brasileira*, em 2007.

do tema das nacionalidades. Se forem levadas a um extremo, podem ocasionar ações amplamente negativas, como a história aponta em diversas épocas da humanidade. Entretanto, os fatos ocorridos neste tempestuoso século XXI indicam que as raízes profundas continuam a alimentar as “forças profundas” da Geopolítica.

Em seu último livro (*Who are We? The Challenges to America’s National Identity*, 2004), Samuel P. Huntington internalizou para a sociedade norte-americana os problemas antes apontados por ele em *Choque de Civilizações*. Estariam os valores dos Wasp (*White, Anglo-Saxon and Protestant*) sendo minados pela crescente invasão dos imigrantes “hispânicos”, associada às alterações advindas dos cidadãos cosmopolitas norte-americanos? Alguns grupos políticos nos Estados Unidos da América (EUA) parecem dar crédito a essa hipótese. Veem os atuais acontecimentos como o produto da dinâmica evolutiva das características das sociedades e das identidades nacionais. Os fatos geopolíticos ocorrem por caminhos de crescente maior complexidade, com elevado grau de incertezas. Talvez esse aspecto sirva como ponto de partida para clarificar o retorno do termo geopolítica.

A simplificação conceitual do termo geopolítica como o estudo do espaço e posição pode trazer uma ocultação da necessidade de ampliar o entendimento da palavra e vê-la muito mais pelo modelo que nos legou Pierre Renouvin, englobando um método de análise e interpretação

dos efeitos advindos das interações, em diversos graus diferentes de intensidade, para cada situação das “forças profundas” e a correlação com o fator tempo. São as forças em choque em diferentes relações de poder entre atores estatais, ampliadas pelas interferências de atores não estatais nos campos externos e internos. Isso se dá como resultante dos enfrentamentos por maior influência, uma constatação histórica. Essa é uma constante, uma característica permanente da “geo-história” do mundo, independentemente das dinâmicas tecnológicas ou oriundas de outras origens.

A divisão em campos distintos dos fenômenos complexos das relações de poder nas Relações Internacionais ou na política interna revela um modelo por demais simplificador. Em decorrência, oculta ou subestima a multidisciplinaridade do mundo real. As lições da História mostram a necessidade da prudência e da cautela nas análises feitas sobre os acontecimentos em escalas

**Os fatos geopolíticos  
ocorrem por caminhos  
de crescente maior  
complexidade, com elevado  
grau de incertezas**

de tempo de curto prazo.

A “diminuição” das distâncias pelas crescentes facilidades proporcionadas pelas tecnologias de informação e comunicações (TIC) não permite, ao ser contrastada com os acontecimentos contemporâneos de um mundo em ebulição, que se deixe de considerar, dentre outros, o papel desempenhado pelas identidades, catalizadoras das “forças profundas” da Geopolítica.

Alguns fatos contemporâneos, selecionados de forma aleatória, indicam que a Geopolítica está presente, gostem ou não da

\* NA: *Introdução à História das Relações Internacionais*. Renouvin, Pierre e Duroselle, Jean-Baptiste. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1967.

palavra. A realidade que ela nos apresenta, como método de análise multidisciplinar, mostra a força do termo. Não é isso que se vê nos problemas atuais defrontados na Síria, na Ucrânia e no Brexit? Além disso, atentemos para “as surpresas” dos analistas, baseados em índices numéricos, com o resultado final das eleições de 2016 nos EUA.

As breves linhas que se seguem convidam o leitor para refletir sobre o tema “O ocaso e o renascer da Geopolítica”.

## O FATO GEOPOLÍTICO E A HISTÓRIA DA GEOPOLÍTICA

Relacionar o mundo real dentro de perspectivas teóricas continua a ser um imenso desafio acadêmico. Quando alguns fatos geopolíticos surpreendem todos, seja pelo seu inesperado ou pela dimensão que assumem alguns eventos correntes aparentemente de baixo valor significativo, há uma vã tentativa crítica de desacreditar os modelos que buscam interpretar e entender os eventos.

Evidentemente, compreender os fenômenos altamente complexos da interação de atores estatais e não estatais dentro do amplo quadro internacional, regional e no interior de cada Estado é uma tarefa extremamente difícil.

A perspectiva geográfica e histórica ajuda a obter um entendimento mais amplo e profundo dos diversos aspectos que envolvem o ambiente a ser analisado. Em que pese as momentâneas adoções de ênfase em análises limitadas ou orientadas para fins políticos eivados de determinismos, a Geopolítica retornou ao final do século XX e início deste século XXI. A prevalência no uso do termo na mídia e nos debates políticos e acadêmicos serve para demonstrar a complexidade dos eventos correntes. Em verdade, é difícil estabelecer como a combinação de diferentes manifestações em intensidade de cada atributo para cada

espaço está presente, sejam atributos sociais, econômicos, políticos, militares ou físicos. Como os atributos impactam e são impactados internamente e externamente? Isso foi o que Pierre Renouvin chamou de “forças profundas”.

A pesquisa histórica intensificou a busca da “verdade” dos fatos, seja no tempo histórico longo ou na identificação no tempo contemporâneo. Por tal razão, cabe aqui efetuar uma breve digressão histórica, a qual, sob o meu ponto de vista, serve de base para ajudar a esclarecer o retorno atual da palavra “geopolítica”.

O simplismo com que se atribui à “geopolítica” todos os delitos cometidos durante a Segunda Guerra Mundial deixou de perquirir no tempo anterior como era o ensino da Geografia. É importante, então, ressaltar o que nos passam alguns autores atuais sobre esse tema.

O século XIX é o ponto de partida para entender sobre o ensino da Geografia. Entretanto, não se pode olvidar do período dos mistérios e segredos que circunscreveram as grandes navegações portuguesas, assim como as derivações de êxito e inovação advindas da empreitada que teve como base sólida o conhecimento desenvolvido na Escola de Sagres. Enfatiza-se tal fato por ser algo que toca diretamente a nós, brasileiros, como herança de uma escola geopolítica (Crowley, Roger, pg 45/47).

Outros exemplos poderíamos encontrar, aproveitando até mesmo o ressurgir, no século XXI, da China, cujos poder e conhecimento foram percebidos pelo Ocidente ao percorrer o “caminho da seda”. Voltamos ao século XIX, mais precisamente ao período da unificação da Prússia, para reconstituir uma realidade desvanecida na profundidade do tempo histórico.

Segundo Pascal Lorot (*Historie de La Geopolitique*, 1995), a Geografia é uma ciência antiga. Ela serve nos seus primór-

dios para que, entre outros aspectos, os príncipes a usem no sentido de que, ao conhecer o território que lhes pertence, possam melhor controlá-lo. Os estados-maiores das forças militares, em especial os exércitos (força terrestre), utilizam-na para poder evoluir em suas manobras no campo ou estabelecerem sítios protegidos, onde organizam suas fortificações. Era conhecida como uma Geografia Militar (Hervé Coutau-Bégarie, *Tratado de Estratégia*, 2006). Entretanto, ela era desconhecida pela maior parte das pessoas. Verificava-se, então, que o acesso ao conhecimento revelava o uso político da Geografia nas relações de poder internas e externas.

A amplitude deste texto não permite aprofundar ainda mais o tema, mas fica a intenção de demonstrar a linha de pesquisa que se apresenta como desafio. Por tal razão, usa-se a limitação dos séculos XIX e XX para o caso específico dos alemães e franceses no trato da Geografia. A partir de 1815, época

do Congresso de Viena, a Prússia obtém territórios, mas que se encontram apartados do seu núcleo histórico de poder. Tal fato gera a necessidade de atender a uma ingente demanda: a busca da unidade política alemã. É assim que se vislumbra o uso da Geografia como uma forma de transmitir ao povo alemão uma tomada de consciência para dar uma resposta àquela demanda (Lorot, 1995).

O passo seguinte é a decisão de ensinar a Geografia em todos os níveis escolares para os prussianos desde a escola primária até a universidade. Segundo Lorot, o ensino obrigatório da Geografia é estabelecido nos anos de 1820. Privilegia-se o ensino dos aspectos físicos da Geografia para que o clima, a geologia e o relevo sejam a base

do convencimento da unicidade alemã. O fator linguístico só será utilizado pela Prússia após o sucesso contra a Áustria na Batalha de Sadowa, em 1866 (Lorot, 1995; Coutau-Bégarie, 2006) (Aymeric Chauprade, 2003).

Como nos alerta Colin Gray (*Another Bloody Century*, 2005), é primordial que se entenda o Contexto. Nesse caso, existia uma onda crescente de rivalidades entre um Estado que surgia e outro, a França, que já era forte e com espaços definidos e crescente expansão pelo mundo, unido internamente por um ideal comum. Entretanto, é somente após a derrota em 1871 para a Prússia, na disputa pela Alsácia, que a França vai decidir pela ampliação do ensino da Geografia em todos os níveis para o seu povo.

A reação francesa é bem simbolizada, segundo diversos autores, por *Tour de France par deux enfants*, livro de 1877, de autoria de Bruno Giordano. A obra, endereçada ao público

## O acesso ao conhecimento revelava o uso político da Geografia nas relações de poder internas e externas

infantil, narra como os dois pequenos alsacianos descobrem a França, depois de banidos de sua terra pela ocupação alemã. Esse foi o livro de leitura de todas as crianças francesas de 1880 até a Grande Guerra – Primeira Guerra Mundial. Percebe-se, assim, como foram lançadas as sementes de um amplo uso político da Geografia para os acontecimentos do século XX.

A Geografia e a História passam a ser ensinadas desde as escolas primárias. Devido à necessidade de formar professores, as duas disciplinas são recebidas e ampliadas no ensino universitário. No caso da França, a primeira cadeira de Geografia foi criada em 1872, na Universidade de Nancy. Ela foi ocupada por Paul Vidal de la Blache

reconhecido como o fundador da Geografia francesa (Pierre Celérier, *Géopolitique et Geostratégie*, 1955). Nasce assim uma escola geopolítica francesa que, desde o seu início, vai procurar opor-se ao que se chama de escola geopolítica alemã.

Até este ponto fica explícito que o fato das duas escolas, alemã e francesa, terem percorrido caminhos antagônicos, não pode significar que a culpa dos erros cometidos pelos que dirigiam os destinos do país possa ser atribuída a uma jovem forma de analisar os problemas externos e internos no campo das relações de poder. Cabe aqui lembrar que o uso da ciência no campo nuclear, para chegar a uma arma atômica, não invalidou o campo científico.

Ao final do século XIX e início do século XX, diversos países mobilizaram as ciências humanas e as ciências exatas para dar respaldo aos seus interesses nos conflitos políticos que chegaram ao emprego da beligerância. As sementes plantadas anteriormente vão produzir as condições para que possam ser perfeitamente identificadas as escolas geopolíticas. Vamos ver como elas pontificam nas suas análises. Com o eclodir da Primeira Guerra Mundial e a frágil paz alcançada em Versalhes, volta-se aos campos de batalha. A Segunda Guerra Mundial faz retornar os fantasmas do passado. Ao seu término é decretado, por alguns, o ocaso da Geopolítica.

## AS ESCOLAS GEOPOLÍTICAS E O OCASO

Alguns autores têm buscado argumentos no início do século XX, em especial na Primeira Guerra Mundial, para identificar pontos em comum com o início do século XXI. Por outro lado, 2014 reserva algumas coincidências no número de anos em que alguns fatos geopolíticos ocorreram. Pode-se começar pelo centenário do início

da Primeira Guerra Mundial. Também temos os 75 anos do início da Segunda Guerra Mundial e os 25 anos da queda do Muro de Berlim.

No início do século XX, havia a ideia de que, graças ao intenso intercâmbio comercial entre os países, uma “globalização” da época, marcada por forte interdependência, daria as bases necessárias para que o fantasma da guerra fosse afastado.

Hoje recorda-se o livro *A Grande Ilusão*, de Norman Angell, publicado em 1909, no qual foram identificadas diversas razões para que não se produzisse um conflito bélico entre as principais potências. O argumento mais significativo era o fato dos possíveis antagonistas serem parceiros comerciais. Hoje lembramos os cem anos de um episódio que começa em 28 de junho de 1914 com o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austríaco, por um estudante sérvio pertencente ao grupo terrorista Mão Negra. De um episódio menos significativo, desencadeou-se um conflito mundial, uma vez que fatos antecedentes contribuíam para a instabilidade, a incerteza e a insegurança geopolítica. Foi a “Guerra Total”.

Uma assertiva disseminada entre todos os que buscam conhecer e entender os conflitos é que cada um deles é único. Não existem regras e modelos pré-determinados para obter êxito no enfrentamento dos complexos problemas que se apresentam. Faz-se necessária, sim, uma profunda análise dos eventos reais. Em verdade, busca-se uma compreensão adequada e específica dos fatos dominantes de cada situação em um dado tempo e como as “forças profundas” atuam. Isso é o contexto. As “escolas” geopolíticas devem, portanto, ser vistas pelo prisma acima. Antes da Primeira Guerra Mundial, a economia europeia era integrada. Ao mesmo tempo, era praticada uma colonização irrefreável

pelas principais potências europeias na busca de mercados e recursos naturais desde o século XIX. A partilha do continente africano é um exemplo marcante de tal atuação. A Liga das Nações ensaiava seus passos para congregar os diversos países em um nível de governança comum, com intenções nem sempre sinceras.

Desde o século XVI, uma frase, muito comum a *posteriori*, com outros termos, foi legada por Sir Walter Raleigh (nascido em 1552 e decapitado em 29 de outubro de 1618 na torre de Londres): “Aquele que controla o mar controla o comércio; aquele que controla o comércio mundial controla as riquezas do mundo e, conseqüentemente, o mundo em si” (Geoffrey Till, *Seapower – A Guide For The Twenty-First Century*).

Uma breve análise aponta para quatro grandes escolas, dentro do modelo mais ocidentalizado: escola anglo-saxônica; escola alemã; escola francesa; e uma escola eslava, predominantemente russa. A

categorização não procurou ser exaustiva. Pode-se até pensar na existência de uma escola geopolítica brasileira, que tem em aberto nos dias atuais uma demanda por continuidade e atualização.

A amplitude deste texto não permite uma profunda discussão sobre cada uma das escolas mencionadas. Pode-se, sim, afirmar que a Geopolítica, em sua origem, nasce da Geografia. Esta já foi citada ao início deste ensaio e embasa a ideia de como a Geografia, como ciência antiga, foi utilizada nas relações de poder. É no contexto do final do século XIX que surgem

as “leis da Geografia política”, oriundas das pesquisas de Friedrich Ratzel. Ele será o inspirador da escola alemã.

Ratzel, em seus estudos iniciais, percorre o caminho dos cursos de Geologia, Palenteologia e Zoologia. Em Heidelberg, foi aluno de Ernst Haeckel, criador da palavra “ecologia”. Este o introduz nos estudos do darwinismo e das teses evolucionistas, as quais tinham despertado novos desafios. Sua obra *Être et devenir du monde organique (O ser e o futuro do mundo orgânico)*, de 1869, reflete bem tal aspecto (*La Géopolitique*, Pascal Lorot, François Thual, 2002).

Sua formação científica leva-o a lançar duas obras ao regressar dos EUA. Seu doutorado tem como tese, publicada em 1876, “A emigração chinesa”. Busca entender os movimentos migratórios. Sua obra maior aparece em 1897, para dar uma visão do papel e do funcionamento do Estado. A este trata como um “organismo vivo”, necessitado de

uma base especial para dar vez ao desenvolvimento e à expansão. As suas “sete leis” são publicadas em sua obra de 1901. Aí está uma das peças de sustentação da Geopolítica alemã. Nela Karl Haushofer irá buscar a referência dos seus trabalhos para tratar do espaço vital e as motivações subjacentes em relação aos limites das fronteiras (*La Géopolitique*, Lorot et Thual, 2002).

A criação da palavra geopolítica não é proveniente de Ratzel. Foi usada pela primeira vez por Rudolf Kjellen, sueco, professor de Ciência Política e de História nas universidades suecas de Göteborg e Upsala.

**“Aquele que controla o mar controla o comércio; aquele que controla o comércio mundial controla as riquezas do mundo e, conseqüentemente, o mundo em si”**

*Sir W. Raleigh*

Para ele, a fonte de poder do Estado está no elo telúrico que une a população ao território em que vive. É também, como continuador das obras de Ratzel, um crente da fórmula que vê o Estado como um organismo vivo (Lorot et Thual, 2002).

Karl Haushofer é um alemão impregnado pelas vicissitudes do seu tempo desde as consequências da Primeira Guerra Mundial até o legado do Tratado de Versalhes. Como síntese do seu pensar está sua ambição em fazer da Geopolítica “a consciência geográfica do Estado”. Deseja restaurar a grandeza alemã. Suas Pan-Regiões tentam estabelecer uma divisão da organização do poder mundial centrado em quatro potências e suas respectivas zonas de influência – para ele, um sistema internacional ideal. A Alemanha seria o Estado pivô da Europa (*Histoire de la Géopolitique*, Pascal Lorot, 1995/ *Géopolitique: Constantes et Changements*, Ayméric Chauprade, 2007).

A visão de Karl Haushofer, como o teórico das ações nazistas desencadeadas sob a liderança de Hitler, foi e ainda é um dado de discussão até hoje. A revista lançada por Haushofer em 1924 (*Geopolítica* ou *Zeitschrift für Geopolitik*) alcança um êxito internacional e não só contou entre os seus colaboradores com articulistas alemães, como também acadêmicos de vários países, inclusive franceses. A revista obviamente defendia os interesses alemães como a demanda por um espaço vital. Entretanto, desde o final dos anos 1930, pode-se verificar que a revista *Life*

inicia, nos EUA, uma grande campanha contra Haushofer e sua revista (*It's Geopolitics*, Colin Flint, p. 21). Esta foi uma das bases das acusações a ele imputadas como teórico do nazismo, as quais negou até o fim de sua vida.

Haushofer estudou com detalhes não só Ratzel, mas também o fundador da escola Geopolítica anglo-saxã, Sir Halford Mackinder, considerado como pai da Geopolítica clássica. Em sua obra “O pivô geográfico da História”, publicada no *Geographical Journal* em 1904, surge a ideia básica do “Heartland”, a parte continental da Eurásia que permite articular todas as rivalidades e estratégias do mundo.

O “Heartland”, ou coração do mundo, é ocupado pela Rússia. A posição estratégica central da Europa é ocupada pela Alemanha. Faz-se necessário não esquecer que Mackinder visualizava o problema do ponto de vista britânico, cuja base de poder estava assentada no poder marítimo. A

contraposição do poder central terrestre estaria em franco desenvolvimento devido à transformação do potencial da região pivô graças aos avanços tecnológicos, em especial as redes de transporte ferroviário.

A tese central de Halford Mackinder é apoiada na evolução do mundo de sua época com o enfrentamento das potências terrestres pelas marítimas. Daí o seu famoso texto sobre o controle da Ilha Mundial por parte de quem controla a zona pivô. É mais uma vez, como nos recorda o texto de Walter Raleigh, a necessidade de manter o

**A tese central de Halford Mackinder é apoiada na evolução do mundo de sua época com o enfrentamento das potências terrestres pelas marítimas. Daí o seu famoso texto sobre o controle da Ilha Mundial por parte de quem controla a zona pivô**

*status quo* da “*pax britânica*”. Por tal razão, diferentemente do que se observa sobre as acusações em relação à escola alemã, até hoje a London School of Economics and Political Science ([www.lse.ac.uk/researchAndExpertise/Units/Mackinder/Home.aspx](http://www.lse.ac.uk/researchAndExpertise/Units/Mackinder/Home.aspx)) mantém um “*Programme for the study of Long wave events*”. Trata-se de um programa de pesquisa (LSE Mackinder) de caráter interdisciplinar, em busca de novas abordagens e melhores métodos na questão de temas geopolíticos (*long wave events*) que se apresentam como grandes desafios para o século XXI.

Em julho de 1943, Mackinder publica, na revista *Foreign Affairs*, um artigo intitulado “*The round world and the winning of the peace*” que mantém as suas incertezas e acresce algumas mudanças na sua zona pivô, as quais vão se tornar, mais tarde, limites fronteiriços do ex-bloco soviético. Provavelmente, a alteração derivou da visão que tinha do mundo ainda durante o desenrolar da Segunda Guerra Mundial. Spykman vai, *a posteriori*, inverter a lógica da teoria de Mackinder.

A oposição terra e mar é uma constante na análise de Mackinder. Karl Haushofer tinha a mesma visão, só que no sentido de uma oportunidade para a Alemanha. A aproximação entre Stalin e Hitler foi, na realidade, uma tentativa de consolidar o “Heartland”. Quando se traz à superfície o entendimento entre os regimes nazista e comunista, fruto do “Pacto Ribbentrop – Molotov” ou com a denominação de Pacto Germano-Soviético de Não-Agressão, de 23 de agosto de 1939, aquele aspecto fica bem evidenciado. Era o nascimento proveniente da semente compartilhada sobre vários aspectos convergentes do fascismo e do comunismo. Ambos desprezavam a democracia liberal (Aymeric Chauprade, pág. 15 e 80).

Ao tratar na Geopolítica da questão da oposição da terra em relação ao mar, hipótese de trabalho principal da obra de Mackinder, por vezes é esquecida a visão de Friedrich Ratzel (1844-1904) sobre as questões marítimas. Sua obra *O mar, fonte de poder dos povos*, de 1900, fez uma expansão do capítulo XXII de seu livro *Geografia Política*. Ele defende uma esquadra alemã capaz de opor-se ao poder naval britânico e, assim, reforçar a posição alemã de potência internacional. A despeito da posição continental, como o almirante alemão Tirpitz, Ratzel vê no avanço tecnológico a capacidade de evitar o bloqueio e fazer-se presente nos oceanos (*História de la Geopolitique*, Pascal Lorot, p. 17/18).

A geopolítica dos mares, entretanto, estava sendo um tema de debate graças a um contemporâneo de Ratzel, Alfred Mahan (1840-1914), que desde 1890 chama atenção para a necessidade de conceituar a estratégia marítima (*A influência do Sea Power na História*, 1660-1783). O termo *Sea Power* permanece com toda a sua força de expressão até hoje em razão da necessidade demandada pelo uso do mar e, em consequência, de se obter um “controle dos mares”. *Sea Power* (Poder Marítimo) engloba tudo o que se pensa e faz na segunda dimensão estratégica, o mar, aí incluído o seu componente militar: o Poder Naval. Embora Mahan não fizesse o uso da palavra geopolítica, podemos vê-lo como dentro da escola anglo-saxã.

Em 1897, Mahan expõe em sua obra *The Interest of America in Sea Power* uma doutrina que vai orientar as ações do seu país, os EUA (Aymeric Chauprade, p. 42/45). Um dos exemplos marcantes foi a construção do Canal do Panamá, inaugurado em 1914, ano da morte de Alfred Mahan. Mas Mahan, em sua obra *Problems of Asia*, lançada em 1900, sublinha a importância daquilo que Mackinder denominou, alguns anos depois,



de “Heartland” (A Ilha Mundo). Ressalta o perigo de a China vir juntar-se à Rússia como sendo uma ameaça perigosa. Conclui pela necessidade de uma grande aliança por parte das esquadras das potências marítimas. Visão do futuro? (*História de la Geopolitique*, Pascal Lorot, p. 38).

Outro nome a ser lembrado na Geopolítica Marítima, como no dizer de Terezinha de Castro, uma Oceanopolítica, é o de Julian Corbett, mais um integrante da escola anglo-saxã. Busca adaptar as teses de Clausewitz ao espaço e à estratégia marítima. Isso o leva a divergir de Mahan em alguns pontos. Vê a importância de assegurar as Linhas de Comunicação Marítimas como forma de efetuar o “controle dos mares”. Dessa concepção surge a diferença entre Estratégia Marítima e Estratégia Naval. Para Corbett, toda concepção deve buscar associar as estratégias marítima e terrestre (Robert Kaplan, 2012, p. 108/113).

Para não estender mais, pode-se incluir na escola anglo-saxã o norte-americano de origem holandesa Nicholas Spykman (1893-1943), antes do advento da presença da arma nuclear nos conflitos. Como crítico dos trabalhos de Mackinder e Haushofer, Spykman recusa a oposição entre a terra e o mar dentro de uma reflexão geopolítica. A proposta dele não aceita a ideia de um poder terrestre contra um poder marítimo. Apesar de reconhecer a existência de um “Heartland”, dentro de uma visão geográfica, ele considera que a ideia de Mackinder não se concretizará e que os avanços tecnológicos retiram da Ilha Mundo a sua condição de invulnerabilidade.

A proposta de Spykman é a de que o controle do “Rimland” (região intermediária entre o “Heartland” e os mares ribeirinhos) é a verdadeira zona pivô. Novamente, o velho texto de Raleigh toma outra forma para Spykman, com conotação diferente daquela de Mackinder: “Aquele que domina o

Rimland, domina a Eurásia; aquele que domina a Eurásia tem o destino do mundo em suas mãos”. Os desembarques da Segunda Guerra Mundial dão sentido à proposta de Spykman. Posteriormente, a sua teoria será de grande influência durante a Guerra Fria, com a estratégia da “contenção” utilizada pelos EUA em oposição à então União Soviética.

A escola geopolítica francesa desde o século XIX é de oposição à escola alemã. Paul Vidal de La Blache (1845-1918), a quem se reconhece como fundador da Geografia na França, exerceu um papel preponderante na forma de pensar geopoliticamente dos autores franceses. Desde o início, Vidal de La Blache opõe-se ao determinismo geográfico alemão. Vê na própria ação do ser humano um fator condicionante para saber adaptar-se e lidar com a natureza. Dá uma visão múltipla aos diversos aspectos que vão levar à influência humana sobre o meio ambiente, este considerado no seu sentido mais amplo. Os fenômenos, geográficos ou não, são dinâmicos, sendo o homem um ator e não um simples espectador (Aymeric Chauprade, pág 69).

Não se pode, entretanto, deixar de lado a forte participação de uma boa parte de sua obra sobre a “França do Leste”, em especial na questão da Alsácia-Lorena. Ele busca demonstrar que a região sempre foi francesa, inclusive com uma significativa participação na Revolução Francesa. Por tal ligação atávica de razões históricas, o território alsaciano tinha que retornar para a França. Dentro da mesma linha, Jacques Ancel (1879-1943) desenvolve reflexões similares, sendo até considerado por alguns pesquisadores como, talvez, o primeiro geopolítico francês (*La Géopolitique*; Pascal Lorot, François Thual; p. 35/36).

A expansão francesa pelo mundo era algo que já ocorria desde muito tempo. Sua posição colonizadora era antiga e,

talvez, por tal razão, com os seus interesses satisfeitos. A Alemanha chegava tarde na disputa por espaços, mas não deixava de fazê-lo de uma forma que incomodava as grandes potências daquele contexto.

A escola russa, na sua essência, explora as características da etnia eslava. Não apresenta na Rússia uma tradição de escolas como as apontadas na alemã, francesa e anglo-saxã. Entretanto, as ações históricas mostram na prática uma eterna busca pelas “águas quentes”. Exemplos como os de Catarina e Pedro ressaltam tal aspecto.

Desde Stalin até ao colapso da União Soviética ocorreram críticas ao determinismo geopolítico. Entretanto, diversas ações empreendidas naquele período pelo poder soviético, em nome de um “determinismo histórico marxista”, buscam legitimar ações de expansão e aumento de poder. Isso é o contrário do que a ideologia, baseada na luta de classes, tomava como referência. Segundo Aymeric Chauprade (2003, p. 81), a obra de Alexandre Douguine (*Princípios da Geopolítica*, 1997) e as propostas de Vladimir

Jirinovski para o retorno da Rússia às suas antigas fronteiras europeias demonstram o desejo de estabelecer uma Eurásia unificada sob o controle russo. Seria a isso que Putin tem se referido no seu discurso contemporâneo? Não se pode esquecer de que, entre outros problemas enfrentados pela Rússia atualmente, alguns têm suas origens nos deslocamentos forçados por Stalin para implantar uma identidade eslava em várias regiões da ex-União Soviética (*Géopolitique: Constantes et Changements dans l’Histoire*, p. 80-89).

O final da Segunda Guerra Mundial vê o ocaso da Geopolítica, como se o mundo fosse com isso beneficiar-se de um processo de paz permanente. Um exemplo de tal atitude é a reunião ocorrida na Sorbonne, em 1950, entre historiadores e geógrafos franceses e soviéticos que decidem pela exclusão do ensino universitário da Geopolítica. Estava banida a causadora de todos os males nas relações internacionais e até mesmo dos desvios políticos internos em cada país (Lorot et Thual, *La Géopolitique*, 2002, pág. 41-44).

## O RENASCER E UM EPÍLOGO EM SUSPENSO

O término da Segunda Guerra Mundial trouxe eventos marcantes. Hiroshima e

Nagasaki fazem o mundo conhecer o pesadelo da ameaça nuclear. Para alguns analistas, entre eles Colin Gray e Hervé Coutau-Bégarie, a possibilidade de o armamento nuclear ser empregado levou a uma paralisia na reflexão estratégica. Durante o período da

### O final da Segunda Guerra Mundial vê o ocaso da Geopolítica, como se o mundo fosse beneficiar-se de um processo de paz permanente

Guerra Fria prospera uma dualidade entre o “bem” e o “mal”. EUA e URSS fazem prevalecer, em suas zonas de influência, a análise dos complexos problemas das Relações Internacionais pela ótica do “determinismo das ideologias”.

A divisão pela bipolaridade durante a Guerra Fria, iniciada a partir de 1947 – data simbólica –, parecia querer afastar de modo permanente a parte humana e a inerente ambição dos homens. Os problemas de identidade e os conflitos locais e regionais não teriam força suficiente para

interferir na “verdadeira” causa das crises internas e externas. Os conflitos de origem étnica, religiosa ou nacional, devido aos seus aspectos de identidade, seriam raízes a serem extirpadas, alimentadas pela “fraude” da Geopolítica.

A Geopolítica era um tema proscrito e a sua razão de ser era a ligação com as rivalidades territoriais. Entretanto, o período da Guerra Fria registrou, sem dúvida, mudanças radicais. A insensata dissuasão nuclear que, em determinada época, chegou a ser conhecida por MAD (um acrônimo que tem o significado, como palavra, de “louco” em inglês), do *Mutual Assured Destruction* (Destruição Mútua Assegurada), alterou profundamente o cenário político-estratégico daquela época. As inovações tecnológicas no campo militar variam desde as possibilidades do uso de satélites artificiais aos mísseis balísticos de alcance continental. A segunda metade do século

XX será bem distinta da primeira. Há uma substituição das grandes potências por apenas duas, EUA e União Soviética. As transformações sociais e econômicas são intensas, o que levou Eric Hobsbawm, em sua obra *Era dos Extremos*, a acrescentar “o breve século XX, 1914-1991”. Muito pouco do que ocorreu estava dentro do previsto.

As forças históricas que moldam os eventos do mundo real e demarcam os seus contextos operaram e tinham impacto decisivo. Continuam a fazê-lo. De modo aleatório, podem ser extraídos alguns exemplos tanto no campo ocidental como

no campo socialista. A França se retira da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) por uma iniciativa de autonomia tomada por De Gaulle; a Alemanha dividida inicia, nos anos 1960 e 1970, as ações para a sua unificação. Os países da África começam a recuperar sua autonomia com as guerras de descolonização, apesar dos problemas deixados pela divisão imprópria de laços territoriais e étnicos. Os EUA fazem diversas intervenções pelo mundo, sendo bastante significativa a Guerra do Vietnã.

Por seu lado, na zona de influência da então União Soviética, temos as mudanças ocasionadas internamente com a morte de Stalin em 1953. Em 1956, a Hungria, país-satélite da União Soviética, tem uma revolta popular em busca do ideário do seu passado, esmagada pelos tanques soviéticos. Da mesma forma, a Doutrina Brejnev irá sufocar, em 1968, a Primavera de Praga. Os fatos dessa natureza na verdade

mostravam aos observadores mais atentos que o ocorrido estava relacionado ao que se evitava dar o nome correto: “fatos geopolíticos”. O renascimento da palavra com sua raiz estruturada consistentemente nas “forças profundas” dos conflitos se sustenta em uma longa duração na escala do tempo da História e da Geografia.

O acontecimento paradigmático que representa o retorno da palavra “geopolítica” ocorre nos anos 1970, quando do conflito entre o Camboja e o Vietnã. Entre 1978 e 1979, os dois países se enfrentam diretamente por um litígio territorial com

**As forças históricas que moldam os eventos do mundo real e demarcam os seus contextos operaram e tinham impacto decisivo. Continuam a fazê-lo. De modo aleatório, podem ser extraídos alguns exemplos tanto no campo ocidental como no campo socialista**

base em direitos históricos no Delta do Mekong. Ambos integravam o bloco da União Soviética, unido pela ideologia comunista. O conflito punha por terra a lógica desenvolvida desde o início da Guerra Fria, especialmente pelo fato de os dois países estarem dentro do mesmo campo ideológico. Os Khmers vermelhos, no Camboja, eram suportados pela China. O Vietnã era apoiado pela então União Soviética. Como se vê, o conflito de caráter territorial sobrepujou a ideologia comum. Não era uma “ação geopolítica” que deveria ser banida? (*La Géopolitique*, Lorot et Thual, p. 40/42).

A partir daquele momento, a mídia volta a usar a palavra geopolítica. Outros acontecimentos se sucedem, como a Guerra Irã-Iraque (1980 a 1988), até a queda do Muro de Berlim, um evento não previsto que deixa vir à superfície todas as motivações profundas que a reflexão geopolítica permite e ajuda a identificar e conhecer as causas.

Faz-se necessário, por dever de justiça, apontar, segundo autores franceses, a ingente contribuição de Yves Lacoste para que cessasse o banimento, na França, do ensino da Geopolítica. Yves Lacoste despontou nos anos 1960 como um especialista dos problemas do Terceiro Mundo (ver seu livro *Geografia do subdesenvolvimento*). Em 1976, organiza e lança a revista *Herodote* para tratar dos temas de “estratégias/geografias/ideologias”. Em 1983, ele transforma a revista para a discussão da “Geografia e da Geopolítica”. Seu estudo da Geopolítica procura pôr em evidência

as relações de força e poder. Distancia-se da Geopolítica antiga e busca no novo método uma síntese das ciências humanas em razão das motivações que movem os grupos sociais (*La Géopolitique*, Lorot et Thual, p 45).

A última década do século XX trouxe a tentativa, logo após o colapso da União Soviética, de se estabelecer um modelo definitivo e permanente para a organização e o controle do poder dentro de uma moldura inescapável para todos os países. O início do século XXI até o presente

momento demonstra, por meio dos fatos geopolíticos, que a única certeza que nos é dada a perceber pode ser identificada na permanência de uma ampla diversidade das formas de rivalidade. Dois acontecimentos marcam simbolicamente a dinâmica contemporânea: os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 no território dos EUA, antes visto como inexpugnável, e

---



---

**A última década do século XX trouxe a tentativa, logo após o colapso da União Soviética, de se estabelecer um modelo definitivo e permanente para a organização e o controle do poder dentro de uma moldura inescapável para todos os países**

---



---

a crise global econômica que se propagou, simbolicamente, a partir de 15 de setembro de 2008, data da declaração de falência do banco Lehman Brothers, tendo outra vez como epicentro os EUA. As “forças profundas” voltaram a manifestar-se, obrigando-nos a repensar sobre o “fim da história” propalado ao final do século passado.

Há uma gama imensa de exemplos que podem ser adicionados para demonstrar a força do retorno da palavra “geopolítica”: o Kosovo e os problemas de demografia; a duração da crise econômica surgida em 2008 e que fez lembrar o *crash* de 1929; e

o problema das *subprime* nos empréstimos hipotecários, que começaram nos EUA e deram a volta ao mundo, um fenômeno da “geoeconomia”. Esta é outra palavra criada em função da Geopolítica, mas que, por vezes, parece esquecer o aspecto humano da bomba-relógio do desemprego.

Evidentemente, a validade de diversos aspectos da Geopolítica clássica podem e devem ser questionados, uma vez que a própria dinâmica da evolução da inovação no campo científico e tecnológico assim o recomenda. Além disso, o mundo está diante de maiores desafios ambientais, o que requer uma tomada de consciência por parte de todos os atores, estatais e não estatais. Só com isso já pode ser percebido que a visão clássica da Geopolítica quanto aos temas do “determinismo geográfico”, do “espaço vital” e das “leis de Ratzel” e “os condicionantes da era pré-nuclear” precisa ser reavaliada.

A configuração mundial contemporânea passa por fortes perspectivas de mudança. Às três dimensões estratégicas (terra, mar e ar) foi acrescentada uma quarta dimensão, o *outerspace*, que a tudo permite interligar e observar. Permite

controlar a “Terra da terra”. O crescente impacto das tecnologias de informação e comunicação (TIC) conduz a uma quinta dimensão estratégica que é o ciberespaço. Este envolve e interpenetra todas as outras quatro dimensões (“A Terra controlada da Terra ou a Quarta Dimensão Estratégica: uma continuação da Geopolítica?”, Reginaldo Gomes Garcia dos Reis, *Revista Marítima Brasileira*, abr/jun 2010, V. 130).

Será que o Brexit; a crescente desigualdade social em todos os países (desenvolvidos ou não), as dificuldades impostas pela radicalização das ações terroristas, o ato da anexação da Crimeia pela Rússia, o enfraquecimento da União Europeia (em especial pelas divergências de atitude em relação aos refugiados), as ações de “líderes” imprevisíveis, as dificuldades

em mediar conflitos que já se estendem por mais de seis anos (como o caso da Síria), o crescimento internacional e a consequente preocupação dos vizinhos (como a Índia, com o retorno de ameaças históricas) e as adversidades decorrentes das mudanças climáticas não são indicadores de diversos riscos geopolíticos?



**O ano de 2017 marca o mais volátil ambiente de risco político do pós-guerra, tão importante quanto a recessão econômica de 2008, a qual deixou um rastro de desequilíbrios na estrutura internacional e, internamente, na maioria dos países**

A imensa e diversificada quantidade de conflitos e crises que assolam o mundo levou Ian Bremmer, presidente do Eurasia Group, a classificar o ano de 2017 como sendo o da entrada em um período de “recessão geopolítica”. Este ano marca o mais volátil ambiente de risco político do pós-guerra, tão importante quanto a recessão econômica de 2008, a qual deixou um rastro de desequilíbrios na estrutura internacional e, internamente, na maioria dos países.

## CONCLUSÃO

O retorno da palavra geopolítica é um caminho sem volta. O epílogo em suspense ficará por conta de como a Geopolítica, vista como um modelo multidisciplinar de análise, pode contribuir para ajudar a entender e identificar as forças envolvidas nos eventos e fatos geopolíticos. As empresas interessadas em avaliação de risco não abrem mão de conhecer o risco político para saber onde alocam os seus recursos. Esse é apenas um simples exemplo. Os avanços teóricos e tecnológicos vão continuar a mover e a incomodar “ideias” e “conceitos” vistos como pretensas verdades absolutas.

Fica no ar a reflexão que nos deixou Tony Judt, morto em 2010, no seu último livro, *O mal ronda a Terra – um tratado sobre as insatisfações do presente*. No seu fecho, ele nos convida a fazer a análise crítica:

“Então chegaram os anos 1990: a primeira das duas décadas perdidas,

em que as fantasias de prosperidade e enriquecimento pessoal ilimitado substituíram todas as preocupações com liberação política, justiça social ou ação coletiva [...] Por isso, seria reconfortante concluir com a ideia de que estamos entrando numa nova era, e que as décadas do egoísmo ficaram para trás [...]”. (p. 211-212)

As insatisfações do presente de Judt são um alerta para os problemas cada vez mais complexos dentro de um cenário dos três “I”: Instável, Incerto e Inseguro. Os desafios estão diante da humanidade, e não há previsões seguras sobre os seus desfechos. Não será para isso que as crises na Síria, no Afeganistão, no Iraque, na China e no Japão em litígios territoriais que enfatizam a busca de recursos naturais; os desastres naturais; a fome na África clamam por solução? Todas com uma duração maior do que se anunciava? Adivinhar o futuro não é o caminho. O “mito” dos conflitos de curta duração ainda seduz os estrategistas de curto prazo. Sabe-se que o futuro não é uma continuação linear do passado; ele é condicionado pela dinâmica das forças geradas nos diversos campos que tentam identificar e explicar as tendências. As identidades e os nacionalismos persistem. A Geopolítica aprendeu isso com os seus erros no passado e, como modelo de análise e síntese multidisciplinares, pode contribuir para a construção de um futuro que nos leve a mudanças mais promissoras.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:  
<POLÍTICAS>; Geopolítica; Globalização;

## BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Therezinha. *Geopolítica – Princípios, Meios e Fins*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1999.
- CHAUPRADE, Ayméric. *Géopolitique Constantes et changements dans l'histoire*. Paris: Ellipses, 2007.
- COUTAU-BÉGARIE, Hervé. *Tratado de Estratégia*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, 2010.
- \_\_\_\_\_. *L'Océan Globalisé Géopolitique de Mers au XXI Siècle*. Paris: Economica, 2007.
- MORIN, Edgar. *Para onde vai o Mundo?* Petrópolis, RJ, 2012.
- CROWLEY, Roger. *Conquistadores – Como Portugal criou o Primeiro Império Global*. Lisboa: Editorial Presença, 2016.
- FLINT, Colin. *Introduction to Geopolitics*. New York: Routledge, 2006.
- FREITAS, Jorge Manoel. *A Escola Geopolítica Brasileira*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2004.
- GRAY, Colin S. *Another Bloody Century: Future Warfare*. Londres: Weidenfeld & Nicholson, 2005.
- JUDT, Tony. *O Mal ronda a Terra*. São Paulo: Objetiva, 2011.
- KAPLAN, Robert. *The Revenge of Geography: What the Map tells us about coming conflicts and the battle against fate*. New York: Random House, 2012.
- LOROT, Pascal. *Histoire de la Géopolitique*. Paris. Economica. 1995.
- \_\_\_\_\_. THUAL, François. *La Géopolitique*. Paris. Editions Montchrestien. 2ª Edição. 2002.
- MOISI, Dominique. *A Geopolítica das Emoções: como as culturas do Ocidente, do Oriente e da Ásia estão remodelando o mundo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.